



ENTRE A CANETA E A AÇÃO: VIVÊNCIAS DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA POR MEIO DA “FEIRINHA” DE HISTÓRIA

RESUMO

O presente trabalho constitui-se de um relato de experiência que foi vivenciado por licenciandos em História, bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma escola pública do agreste pernambucano. O objetivo deste trabalho é refletir sobre as vivências proporcionadas pelo PIBID à luz das referências teóricas concernentes às práticas educativas durante vivência no Programa, tomando por base a experiência da “Feirinha de História”. A referida envolveu estudantes, pibidianos e professor supervisor em um amplo processo de ensino-aprendizado, sendo realizadas por meio de regências, monitorias e apresentações dos seminários dos estudantes, onde o aprendiz também foi professor. Nesse viés, autores como Paulo Freire, Luis Fernando Cerri, Leandro Karnal, entre outros, foram fundamentais para a reflexão do ato de ensinar como um ato político e transformador, sendo um grande aliado para a emancipação dos sujeitos o ensino de história crítico-reflexivo. O percurso metodológico realizado subdivide-se em quatro etapas: as regências, as articulações para a realização da feira, a avaliação da experiência com os alunos e a elaboração deste artigo com as referências bibliográficas que constituíram a prática da equipe de pibidianos. A metodologia de elaboração das aulas teve como alicerce a análise qualitativa de obras, o próprio livro didático disponibilizado e fontes de diferentes tipologias. Como resultado das atividades, obteve-se a realização da culminância da Feira de História, envolvendo a comunidade escolar, posteriormente analisada e observada como uma metodologia ativa que pode ser referência para outras escolas públicas.

Palavras-chave: Ensino de História, Metodologias Ativas, Pedagogia Libertadora, Feirinha de História, PIBID.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui-se de um relato de experiência que foi vivenciado por Licenciandos em História, bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, em uma escola pública do município de Caruaru - PE. As atividades foram realizadas no período de março à julho de 2025 com dois encontros semanais: um na escola, lócus de atuação, com o professor supervisor e discentes e outro para estudos, letramento acadêmico, formações e orientações com os professores supervisores e coordenadores do programa.

Nesse viés, o relato de experiência tem como objetivo principal refletir sobre as vivências proporcionadas pelo PIBID à luz das referências teóricas concernentes às práticas



educativas. Considerando as vivências no lócus de atuação, desde os primeiros contatos, regência e da culminância na realização da Feira de História. As experiências proporcionadas pelo PIBID materializam fundamentos caros à formação docente, conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que em seu art. 61 diz:

A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada etapa da formação do educando, terá como fundamentos: I – a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço; [...] III – a valorização dos profissionais da educação escolar. (Lei nº 9.394/96, art. 61º)

Assim sendo, constitui-se como uma política pública educacional que valoriza os profissionais da educação, fornecendo possibilidades para a formação continuada e estabelecendo conexões e diálogos entre a universidade e a escola, quebrando barreiras entre os dois níveis de ensino. Além disso, a inserção de estudantes ainda em formação permite uma articulação maior a partir da união entre teoria e prática, passando pelo quadro até a ação docente.

O processo de articulação permite que os sujeitos, pautados em uma perspectiva aberta e humilde, possam refletir sobre a sua prática, fechando o ciclo ação-reflexão-ação essencial ao professor (Freire, 2019). Em consonância com essa perspectiva teórico-prática e em diálogos com o professor supervisor, surge a proposta da “Feirinha de História”.

A “Feirinha de História” é uma metodologia ativa que foi aplicada nas turmas dos nonos anos e que possibilitou um ensino de história mais humanizado e crítico pautado na autonomia discente, quebrando os tradicionalismos da velha história-narrativa que dialoga com uma concepção mecanicista e bancária de educação (Freire, 2019).

A sistematização e posterior reflexão sobre as ações se justificam pela importância e possibilidade formativa dessa metodologia ativa tanto para os estudantes da escola, quanto para os pibidianos que auxiliaram para a feitura desse projeto, vivência essa que pode servir como referência para ser realizado em outras escolas. Nas seções seguintes, foram traçados os aspectos metodológicos, o referencial de autores e obras que dão subsídio ao projeto, os resultados e as discussões.



A experiência se apresentou bastante significativa para os pibidianos e discentes da escola em sua trajetória formativa, demonstrando resultados positivos nas produções de ambos em relação às aulas e monitorias ministradas, bem como a produção das apresentações para a culminância que movimentaram o espaço escolar.

METODOLOGIA

O percurso metodológico realizado subdivide-se em três etapas: as regências, as articulações para a realização da feira de História e a avaliação da mesma. No campo de atuação, o grupo de sete pibidianos dividiu-se em dois dias, sendo que quatro estavam alocados na segunda-feira e três na terça-feira.

Assim sendo, ao decorrer das primeiras semanas houve a apresentação da escola, funcionários e observação das regências em sala, executadas pelo professor supervisor. Em todo o percurso formativo nos meses de março à julho, reflexões e diálogos acerca do processo de ensino, aprendizagem e avaliação foram traçados. Essa iniciativa foi importante porque permitiu o mergulho no cotidiano escolar, articulando do nível teórico ao prático.

Na primeira etapa, os conteúdos das regências estavam consonantes com o planejamento docente, previsto para a segunda unidade letiva. Assim, foram divididos doze temas para que as regências fossem executadas pelos pibidianos no mês de maio: 1. Semana A: Brasil e Mundo na década de 1920, Fascismo, Nazismo e Socialismo (utópico, científico e real); 2. Semana B: Estado Novo e Integralismo; 3. Semana C: As causas da 2 G.M., Eixo, Aliados e Brasil na 2 G.M. e 4. Semana D: O antisemitismo e o Holocausto, A bomba atômica e outras tecnologias geradas na 2 G.M. e as consequências da 2 G.M. O cronograma traçado está a seguir:

Figura A: Calendário de regências

	DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
	04 MAIO	11 MAIO	18 MAIO	25 MAIO	1	2	3
A	4	5	6	7	8	9	10
B	11	12	13	14	15	16	17
C	18	19	20	21	22	23	24
D	25	26	27	28	29	30	31

Fonte: Os/as autores(as), 2025



Os pibidianos, de forma livre, escolheram o tema de seu interesse para a aula que iriam ministrar. A metodologia de elaboração das aulas tem como alicerce a análise qualitativa de obras, o próprio livro didático disponibilizado e fontes de diferentes tipologias. O letramento acadêmico ocorreu desta forma. Paralelamente, os pibidianos em conjunto com o professor elaboraram os planos de aula, traçando competências, habilidades, métodos, avaliação entre outros componentes do planejamento. Por fim, cada pibidiano escolheu temas de sua preferência para a monitoria dos grupos na culminância.

Na segunda etapa, os grupos de alunos foram subdivididos para que, com um dos doze temas, ficassem responsáveis pela elaboração da apresentação de um tema na Feirinha de História. A seleção e divisão foi organizada pelo professor supervisor, fornecendo a cada grupo uma folha para que inserissem os nomes dos integrantes e três temas de preferência. No dia três e quatro de Junho, ocorreu a Feira de História.

Assim sendo, no momento que ocorreu a culminância, os membros dos grupos de estudantes poderiam revezar entre apresentar e assistir outras apresentações, combinando internamente. Na terceira etapa, o primeiro e segundo grupo de pibidianos ficaram responsáveis, no seu dia de alocação, por avaliar de forma qualitativa os seminários discentes a partir de três critérios base, tecendo suas considerações de maneira individual: A) Domínio do conteúdo, B) clareza na apresentação e C) cenário/ material.

A autonomia discente e dos pibidianos, no empreendimento do projeto, foi estimulada em todo o percurso formativo presente tanto na primeira etapa, para os pibidianos, quanto na segunda etapa, para todos os envolvidos. Por fim, cada subgrupo de pibidianos reuniu-se com o professor supervisor para a avaliação quantitativa que teve como base as considerações de cunho qualitativo traçadas a partir dos critérios pré-estabelecidos.

A atribuição das notas foi feita por consenso entre os pibidianos e registradas pelo professor supervisor, sendo cada grupo de estudantes avaliados de zero à dez, na seguinte escala para cada critério: A) até quatro pontos, B) até três pontos e C até três pontos. As notas atribuídas, divididas por dois, somavam cinco pontos na média final. Os demais cinco pontos foram resultado do relatório das apresentações e da prova bimestral.

REFERENCIAL TEÓRICO



A “Feirinha de História”, desenvolvida na instituição, se fundamenta em uma Metodologia de Projetos, que se encontra no conjunto das Metodologias Ativas que tem como conceito o estudante torna-se o protagonista do processo de aprendizagem. Segundo José Moran (2007), o uso de Metodologias Ativas, em especial a de projetos, estimula a participação ativa dos discentes na construção do conhecimento e colaboração com o planejamento junto com o professor, pibidianos e estudantes do seu grupo. Com isso, os estudantes ganharam autonomia para a elaboração das apresentações, e também a responsabilidade com as informações apresentadas, que foram dialogadas junto com os pibidianos nas regências dos respectivos temas.

Outro autor base é Fernando Hernández (1998) que argumenta que a utilização da Metodologia de Projetos, como a desenvolvida na Feira, permite despertar, nos estudantes, o interesse pelo tema e motivação para aprender. Para o autor, essa Metodologia rompe com a lógica tradicional de ensino, baseada na passividade dos estudantes no processo de construção do conhecimento, e traz uma aprendizagem significativa, uma vez que os próprios discentes tiveram a liberdade de escolher as temáticas que tinham interesse e após a escolha por parte do professor supervisor, puderam organizar o espaço, falas e materiais para apresentação na “Feirinha de História”.

A Pedagogia Freireana parte do pressuposto que o ser humano é um ser inconcluso e condicionado em seu contexto histórico. Contudo, sabendo-se como inacabado, percebe-se como um sujeito com capacidade de “ser mais” a partir de sua curiosidade e diálogo para e com o mundo. O estudante, na perspectiva Freireana, é um sujeito ativo na construção do próprio conhecimento, se tornando consciente de sua história e atuação no mundo (Freire, 2019). O ensino de História é fundamental nesse processo, mas um ensino que esteja voltado ao “pensar” e não ao “decorar” datas, nomes ou sequência de fatos e eventos.

Conforme o professor Luís Fernando Cerri (2011), o ato de “pensar historicamente” se define em um posicionamento que nunca aceita informações, ideias e dados sem questionar sua procedência, contexto gerador, sujeitos edificadores e, principalmente, as intencionalidades implícitas no processo. É um ato para compreender que algumas ideias estão ligadas diretamente com posicionamentos políticos ou classes sociais. Ademais, é captar o próprio tempo do objeto em si, reconhecendo-se sua conjuntura de inserção.



Destarte, apreender que o tempo histórico é uma eterna batalha entre o velho e aquilo que é novo, sempre em construção e transformação. Portanto, nunca sendo permanência eterna. Os velhos dizeres “sempre foi e será assim” petrificam o tempo, numa perspectiva de imutabilidade e continuidades constantes, cabendo ao sujeito apenas aceitar sua realidade “dada” e não historicamente construída. Esse sentido não constitui o pensar historicamente, caracterizado como um “que-fazer” crítico do pensamento (Cerri, 2011).

Segundo Karnal (2003), cada estudante precisa se perceber, de fato, como sujeito histórico, e isso só se consegue quando ele se dá conta dos esforços que nossos antepassados fizeram para chegarmos ao estágio civilizatório no qual nos encontramos. Dessa maneira, a prática pedagógica utilizada, neste caso a "Feirinha de História", mostrou-se bastante eficaz, pois fez os alunos refletirem sobre importantes acontecimentos históricos através das suas pesquisas sobre os respectivos temas por eles apresentados, além de contribuir para seu desenvolvimento intelectual de forma autônoma, fazendo os estudantes compreenderem a importância de se estudar História, algo particularmente importante na contemporaneidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os produtos resultantes do empreendimento do projeto foram, no nível macro, três: as regências dos pibidianos, os seminários elaborados para a culminância dos nonos anos e o processo avaliatório dos mesmos. As regências aconteceram de forma satisfatória, mediante a elaboração do plano de aula, do letramento e seleção do conteúdo e da própria execução. Contudo, a estrutura da escola não possibilitou a ampliação das possibilidades formativas, visto que tem apenas disponível livro, caneta e quadro.

Na sua regência, cada pibidiano buscou soluções a partir do seu planejamento de aula, seja o compartilhamento de vídeos para posterior consulta, a tentativa de exibição dos mesmos em sala com seus recursos próprios ou por meio de impressão de material. A aula, mesmo com os desafios estruturais, se demonstrou produtiva e satisfatória. O êxito se efetivou, pois o docente, quando vai reger sua aula, está atrelado a alguma concepção do fazer pedagógico, pois não existe prática sem teoria (Luckesi, 1995). A concepção norteadora de



X Encontro Nacional das Licenciaturas

IX Seminário Nacional do PIBID

nossa prática é a Freiriana, pautada no diálogo, humildade e primando pela conscientização e emancipação humana.

Sobre o sucesso ou não de uma aula, o historiador Leandro Karnal pontua: “que seja dito e repetido à exaustão: uma aula pode ser extremamente conservadora e ultrapassada contando com todos os mais modernos meios audiovisuais. Uma aula pode ser muito dinâmica e inovadora utilizando giz, professor e aluno” (Karnal, 2007, p. 11). A partir desse prisma, ocorreu, por exemplo, a análise da simbologia do integralismo com apenas a lousa e uma folha de papel, passando entre os estudantes, conforme as figuras a seguir:

Figura B: Folha com imagens.

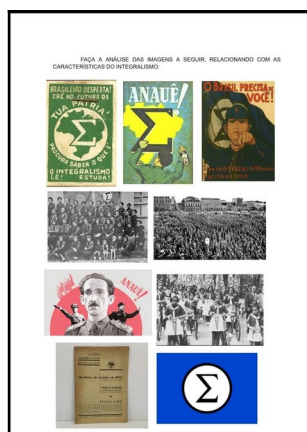


Figura C: Pibidiano em regência.



Fonte: os/as autores(as), 2025.

Fonte: os/as autores(as), 2025.

Por conseguinte, na etapa de elaboração dos seminários para a Feirinha de História, os pibidianos se disponibilizaram para as orientações dos temas aos quais escolheram. Nas aulas da última Semana A, B, C e D ocorreu o processo de orientação, sendo o viés de mediação,

entre o saber e o estudante, adotado pelos pibidianos. Assim, dúvidas, eventuais esclarecimentos sobre o conteúdo, recomendações de fontes, entre outros foram traçados, conforme a figura abaixo:



Figura D: Monitoria

Fonte: os/as autores(as), 2025.

Por fim, ocorreram os seminários dos alunos entre os dias três e quatro de junho. A disposição de organização das apresentações ficou livre, primando pela autonomia e criatividade do estudante. Os grupos foram alocados em duas salas de aula e um auditório, devido à grande demanda de espaço para apresentação e locomoção. Os alunos apresentavam e, posteriormente, em escala com seu grupo, ficavam livres para assistir as demais apresentações dos seus colegas para a produção do relatório.

A cooperação de uma parcela dos/as docentes foi de suma importância, visto que outra parcela apresentou resistência ao projeto, cedendo as aulas do dia para encaixar a Feira de História, que ocorreu durante todo o período da manhã do primeiro e segundo dia, contando, inclusive, com a participação de outras turmas de estudantes de séries variadas, estimulando os estudantes do nono ano nas apresentações. Como o público foi diverso, o ambiente solicitou a habilidade de adaptar e explicar em palavras simples o complexo.

Um momento importante da experiência foi a possibilidade de fazer parte de um processo de avaliação. Assim sendo, na ocasião foi mapeado que as experiências vividas pelos estudantes podem ser distribuídas em dois grupos, quanto ao desempenho. Em um deles os alunos conseguiram desenvolver bem a atividade. Ademais, no outro temos aqueles que não conseguiram, ainda que todos tenham contado com as regências e monitorias dos(as) pibidianos para o estímulo à reflexão. Os resultados encontrados dialogam com a ideia do conhecimento histórico, pontuado anteriormente por Cerri.

Nessa perspectiva, o significativo não se encontra em decorar datas, nomes e grandes eventos, mas sim a capacidade de utilização do método histórico que se materializa no pensar historicamente, contextualizando, assimilando ideias e traçando paralelos entre passado-presente. Alguns grupos percorreram essa perspectiva, outros ficaram presos à uma história

tradicional. Na semana de feedbacks sobre a avaliação, orientações e diálogos foram traçados objetivando esse norte teórico-metodológico crítico.

Nesse sentido, os pibidianos se inseriram em um contexto em que necessariamente deveriam realizar a ação de avaliar. E avaliar em qual sentido? Segundo Araújo e Santos(2022), as práticas avaliativas dos professores do ensino fundamental estão pautadas no

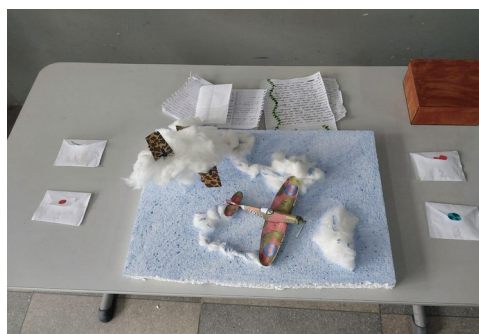
ato de examinar, buscando a classificação e seletividade: aprovado ou reprovado. Conforme as pesquisadoras, a ação de avaliação deveria pautar-se na aprendizagem, no erro construtivista como uma possibilidade para a inclusão e garantia do aprendizado. A partir da deliberação, os pibidianos buscaram a avaliação enquanto ato com foco na aprendizagem, orientando os estudantes. Segue, nas figuras abaixo, os trabalhos desenvolvidos dos alunos:

Figura E: Grupo Antisemitismo e Holocausto



Fonte: os/as autores(as), 2025.

Figura F: Grupo Eixo



Fonte: os/as autores(as), 2025.

Figura G: Grupo tecnologias da guerra



Fonte: os/as autores(as), 2025.

Figura H: Grupo Aliados



Fonte: os/as autores(as), 2025.



Os grupos majoritariamente, além da apresentação, contaram com dinâmicas de perguntas e respostas de acordo com sua temática. O grupo Antisemitismo e Holocausto fez a dinâmica de “torta na cara” e apenas um grupo não realizou dinâmica. No decorrer do

processo de organização, notou-se algumas habilidades fundamentais que devem ser desenvolvidas nos estudantes para sua vida fora da escola: responsabilidade, trabalho em equipe e cooperação. A partir da Feirinha, às relações de ensino-aprendizado foram edificadas a partir do lúdico e divertido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse relato pretendeu dissertar a análise da experiência vivida no chão da escola, por alunos do Pibid em História. O olhar sobre essa experiência torna possível observar a importância da participação dos pibidianos no processo de ensino-aprendizagem no chão da escola, pois estimula novas práticas e possibilidades no ensino de História, saindo da rotina tradicional da aula. Contudo, faz necessário observar que foram encontradas resistências à experiência proposta, atitude materializada na pouca receptividade do lócus de atuação e dificuldade em organizar a Feirinha de História.

Em segundo lugar, a experiência com a Feirinha demonstrou-se como uma metodologia ativa que é eficaz nos processos formativos, para todos os envolvidos. Os pibidianos amadureceram em competência de ensino com as atividades de regência e monitoria. Os estudantes em relação ao aprendizado significativo, contextualizado e prazeroso. Além disso, os ganhos foram substanciais, tanto para os estudantes quanto para os próprios pibidianos, em quesito de retórica, oratória, controle da ansiedade, etc.

O projeto desenvolvido aqui denominado de Feira de História pode servir como referência para outras escolas públicas, no ensino fundamental ou médio. Nesse sentido, essa metodologia ativa é bem versátil e pode adaptar-se a diferentes realidades no contexto educacional, a exemplo dessa escola em que foi aplicado que tinha ínfimos recursos, mas com uma boa pitada de criatividade e resolutividade, foi atingido os fins desejados.



AGRADECIMENTOS



Agradecemos à Asces-Unita e seu quadro de professores(as) pelo apoio institucional e oportunidade de formação ao decorrer da nossa história-trajetória. Reconhecemos, com profunda gratidão, o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

(CAPES) com a concessão da bolsa para a realização de todas as nossas atividades. Estendemos o nosso reconhecimento e agradecimento a/o(s) professores(as) coordenadores(as) e supervisor, que integram o PIBID, pelo acolhimento, apoio, orientação criteriosa, disponibilidade e dedicação em prol da construção da formação docente desse país. Os nossos agradecimentos finais dedicam-se a todos os seres humanos que atravessaram o nosso caminho e contribuem para a forja do mesmo, possibilitando estar onde nos encontramos: produzindo conhecimento.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joyce dos Santos Lima; SANTOS, Divaneide dos. **Avaliar x examinar: qual prática está sendo utilizada no Ensino Fundamental?**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, [s.d].

BRASIL, Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, p. 27833, 23 de dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 02 jul. 2025.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica / Luis Fernando Cerri**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 74º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo: Contexto, 2007.

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** São Paulo: Cortez, 1995.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** Campinas: Papirus, 2007.

